

Você

Josimey Costa

Você não tem que me ouvir. Sou eu quem precisa contar-lhe esta estória. Assim, não importa se seus ouvidos são mortos. Houve uma vez em que me preocupei com isso, e gritei até sentir que os pulmões saíam-me pela boca. Inutilmente. Para seus ouvidos mortos, meus berros não eram mais audíveis que os meus sussurros, que você igualmente não ouvia.

Perguntei-me, então, por que haveria você de me ouvir. Sempre que falo, falo de mim. Mesmo quando falo de você. Cada um de nós é só um, ainda que siamesamente ligado ao outro. Você é só você, não eu também, como pensei um dia. Por isso, não posso estar aí dentro, nem falar-lhe realmente, muito menos querer que você me ouça.

Quando você me dizia todas aquelas coisas impublicáveis, eu me embestia como uma esponja, endurecida de sol e poeira, absorve água. Você me atingia em cheio com a sua verbosidade quase desatada. Colocava cada palavra exata do seu dicionário particular nos meus lugares mais absurdos. A tradução, para mim, era como um soco direto no plexo solar. Eu ficava sem ar. Eu ficava sem fala. Um olhar seu, no tom exato daqueles sujeitos indecentemente colados aos predicados, daqueles pronomes pessoais tão possessivos, fazia crer-me primeira, singular, única.

Ainda que eu fosse a encarnação da afonia, você sabia tudo o que queria saber sobre mim. Minhas respostas nunca se punham verbais porque você desordenava o meu pensamento. Eu apenas podia mostrar desarticuladamente tudo o que você produzia em mim de forma tão escancarada. Estando ou não com você, era você e só você quem preenchia os meus espaços. Eu não tinha fome, a não ser de você. Eu não tinha sono nem sonhos; era-me suficiente compor a sua imagem, que eu recompunha minuciosamente sempre que ela estava completa em mim. Seu toque raro fazia meu corpo se rebelar violentamente contra a inércia. Seu verbo inquieto vibrava os meus mais adormecidos neurônios. Eu era, enfim, mente e corpo numa só e absoluta indiferenciação.

Mas nada disso significava que você me ouvisse.

Quando você apareceu pela primeira vez, nem soube de mim. Construí sozinha o nosso delírio loquaz, imaginando como seriam suaves e chocantes, cariciosas e contundentes as mesmas palavras que você dirigia ao público, se você as apontasse para mim. Você foi embora sem voltar-me o menor vocábulo.

Na segunda vez, eu surgi para você. A sua verve abordou-me diretamente e vi-me inundada pela sua sede, consumida pela sua fome, instantaneamente tornada nossa. Não tínhamos nenhum tempo para esgotar aquela necessidade urgente e mútua, e transformamos alguns instantes em romances medievais, em folhetins. Criamos uma anacrônica e intensa ressonância epistolar, que a imaterialidade das palavras fez bem curta.

Convenci-me, então, de que você não existiria mais para mim. E alcançar esse estado deve ter significado, ao destino, uma provocação. Você veio a mim novamente, e de forma tão sorrateira que eu não pude reconhecer nem evitar.

Você chegou calado. Eu não adivinhei, na sua boca cerrada, nenhuma linguagem nova. Mas percebo, agora, que o seu mutismo é a sua senha. Tão logo eu deponho as minhas armas, você me invade e se apropria até lexicamente de mim. A minha boca abre-se para dizer suas sentenças, e o que antes me atingia de fora, por

entre seus dentes e língua e lábios, passa a reverberar-me por dentro. Há vezes em que suas mãos é que constroem a sua fala em mim. Noutras, você conjuga gestos e voz na expressão mais que perfeita. São essas as vezes que o denunciam e me condenam.

Sei, como somente eu posso saber, que, se estou respirando pausadamente, está em vigor a lei do silêncio. Nesses momentos, sinto profundamente a sua ausência, de uma forma tão entranhada que acabo por esquecer-me até do que estou sentindo. E, mais uma vez, penso que você não existe. Como poderia existir para mim alguém que nada me diz? Como poderia dizer-me algo quem nem mesmo me ouve? Sinto-me inteiramente só e até me basto nessas horas.

No minuto seguinte, porém, descubro que sentir-me assim completa é pura ilusão, embora seja muito doce. Você vem novamente como se fosse do nada, desarma-me com seu silêncio licencioso e enche-me com a consciência do vácuo que há permanentemente em mim. Quando me deixa enfim muda, você destrava a sua língua, sabendo que só eu posso lhe ouvir em meio a tantos ouvidos. O que você me diz me arranca de mim, e o que eu lhe escuto devolve-me você.

Os instantes que são nossos são, também, muito breves. Se não os estou vivendo, parecem-me partículas em suspensão sob um raio de sol. Intangíveis. Em meus dias mais abundantes, não quero tê-lo em mim, assim como você deve jamais sentir a minha falta.

Saiba, no entanto, mesmo sem me ouvir, que eu estou aqui. Nunca pronta, mas sempre vulnerável à sua palavra mais antiga e muito presente em mim. Não sei se o que me comove é a sua musicalidade sensível ou o timbre intencional com que você modula as minhas fantasias. E, como já sei que você não vai me responder, não lhe pergunto se isso, de fato, importa.